

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: *O Liberal (P. 16)*

Class.: *Yanomami*

Data: *2 de agosto de 1991*

Pg.: _____

Ignácio de Aragão

A política indigenista está errada

É preciso ter coragem para enfrentar essa colorida malta de antropólogos e missionários, que se dizem indigenistas, para afirmar que o "rei está nu": a política adotada pela Funai é um blefe, está completamente desajustada com a realidade do atual povo indígena e com a realidade brasileira. Desde a fundação do SPI, em 1910, por inspiração de Rondon, dentro de um conceito e posicionamento positivista, muita água passou sob a ponte. Os índios não são mais os mesmos em toda a parte. O índio, genericamente considerado, também não é mais o mesmo. Não podemos vê-lo como um animal selvagem, perdido na floresta, carente de proteção do branco. Ele precisa, hoje, é de convivência com o branco e não de isolamento, pois não podemos fazer o Brasil seguir o caminho sob a ática do índio, porém lutar para que a civilização se estenda a todos neste país. O mais é balela, é literatura, é ocupação cultural, tal como fizeram aqueles 80 cientistas sociais que, há vinte anos atrás, promoveram a criação do CIMI (Conselho Indigenista Missionário) para aprisionar o índio na floresta e impedir o seu acesso ao desenvolvimento humano e social.

Para não nos alongarmos, vejamos o caso dos Yanomamis. O "Jornal do Brasil" (21/07) publicou duas lindas e significativas fotos tomadas por seu repórter Luiz Antonio, na aldeia Yanomami do Baixo Mucajai, em Roraima. Numa, o presidente da Funai baba de emoção ao conversar com um Yanomami, este civilizadamente vestido de bermuda, com óculos "ray-ban" de último tipo e um excelente boné na cabeça de cabelos tosquiados "à la Souza". Noutra, um jovem Yanomami "vai à caça", calçado de sapatos de couro francês, usando meias coloridas iguais às que esses europeus costumam calçar quando usam tênis, uma toalha no ombro para enxugar-se da chuva ou do banho e umas flechas debaixo do braço, tal como a gente fazia, com bodoques, quando era menino nas barrancas do rio Mamanguape, sem ser índio. No fundo da segunda foto, um Yanomami veste roupas iguais às de qualquer moço do Recife ou de Goiânia. Então, que índios são esses? Ser índio é um estágio cultural. Há deles mais ou menos desenvolvidos nestes tempos. A medida em que se acultura, isto é, tem contato direto e continuado com grupos de culturas mais avançadas, e absorve os novos costumes e hábitos, (verbi gratia), passa a usar bermudas e sapatos de couro e óculos "ray-ban" da Zona Franca de Manaus, esse índio deixa de ser índio, já está em processo de aculturação que precisa ser estimula-

do e desenvolvido, de modo a ensiná-lo a proteger-se contra o consumismo, que é uma das boas pragas da civilização. Há por essas grotas do Piauí e do Tocantins, caboclos que não são índios, mas estão "mais atrasados" do que aquele Yanomami que embevecia Sidney Possuelo, em legítimo vernáculo! Índio, para mim, é índio mesmo, aquele que anda nu e usa cocar na cabeça, o corpo pintado, vivendo exclusivamente da caça e da pesca porque não há supermercados por perto e se cura de doenças com ervas, pajés e pajelanças, não é o falso-índio da aldeia do Baixo Mucajai, em Roraima. Veja-se, por exemplo, que a Funai reformou, em Brasília, a Casa do Índio, que a entidade mantém ali para hospedar os índios... em visita à Capital federal! Embora a Casa tenha sido programada para uns 40 "silvícolas", na semana passada lá estavam "hospedados" 118 "aborígenes". A Funai deu uma geral na Casa, comprando 120 fronhas, 120 travesseiros, 60 cobertores, 60 lençóis, 20 colchões, 6 lixeiras galvanizadas, mandou impermeabilizar os colchões por medida de higiene e destinou 9 serventes para faxina e limpeza! Não falaram, mas, se há colchões, há camas; e isto me surpreende, porque índio, índio-mesmo, dorme é em rede. Garantia que um estudante nordestino, que fer a Brasília, não será tão bem tratado!

Como se vê, tudo isso está de pernas para o ar. Cada "indigenista" que desaba na Funai quer, às custas do dinheiro público e da inocência do índio, fazer a sua "história" ou escrever um livro que, no exterior, certamente poderá ser um "best-seller". Os vivos do CIMI pregam a "proteção" às áreas indígenas (não ao índio propriamente dito), porque naquelas áreas há recursos inensuráveis, que eles sabem, através de satélites, e a Funai não sabe de nada, só ouve dizer. O índio quando começa a aculturar-se não volta para a floresta. Rondon descidia dos "terenos", veio para o mundo e terminou marechal e uma das mais expressivas figuras nacionais. Juruna terminou deputado federal... pelo Rio de Janeiro, não voltou à floresta, vive em Brasília de um emprego na Funai, a que não comparece, como bom e esportivo civilizado. O caminho que está sendo seguido está, pois, completamente errado. Quando fundaram a Funai, em 1967, um dos seus objetivos fundamentais era "promover a educação de base apropriada do índio, visando à sua progressiva integração na sociedade nacional". Mas nada disto está sendo feito agora; o que querem é confinar o índio, o de Roraima, por exemplo, num grande cercado de 94.000

km², para isolá-lo do mundo, quando, na verdade, o índio quer exatamente o contrário, isto é, invadir o mundo e conhecer seus pecados e virtudes, comprar "ray-bans", sapatos de couro feitos em Franca ou Novo Hamburgo (iguais aos que o Yanomami David Kapenawa viu nos Estados Unidos, quando o levaram para exibição na ONU), escutar um radinho de pilha, aprender canções de "rock", ver televisão colorida (preto e branco não serve), vestir calça jeans da marca mais conhecida, além, é óbvio, de "outras coisas más", que ninguém é de ferro e a curiosidade é um atributo da pessoa humana, ainda que esta seja índia! Desculpe-me, o ilustre sr. Sidney Possuelo, mas seu caminho não vai dar em nada, terminará igual ao de seus antecessores, crucificados por tudo que é antropólogo, indigenista ou missionário, porque esse povo não está querendo resolver o problema.

Se o governo quiser solucionar a questão Yanomami, antes que ela se torne igual à questão dos curdos no Iraque, que está envolvendo todo o mundo ocidental (o dos Sete Grandes), terá que repensar a política da Funai e planejar um caminho, a título de sugestão, possivelmente assim: a) separar a "faixa de fronteira" da posse indígena; b) criar um Território Federal, desmembrado de Roraima, envolvendo na área dele toda a região Yanomami e de outras etnias que deambularem por perto (aliás Yanomami não deambula mais, isto é coisa do passado); c) montar uma cidade, como capital do Território na zona de fronteira, no limite da região dos Yanomamis, preparada para lhes dar saúde, educação, convivência e consumismo, que sirva também, obviamente, para a proteção da fronteira norte com a Venezuela; d) incumbrir os indigenistas com um amplo trabalho de aproveitamento do artesanato indígena, nessa cidade, e os missionários de abrir ali escolas destinadas a ensinar o português e hábitos civilizados, como faziam os padres e frades de antigamente, pois temos que dar ocupação útil a esse povo. É inacreditável que quando um índio tem um cataporazinha venha correndo para Brasília, porque eles não acreditam mais nos seus pajés nem nas suas pajelanças. Só os brancos gostam disso! E não esquecer de povoar e colonizar a "faixa de fronteira" com creancas, gaúchos e catarienses, aqueles porque são bons de trabalho e este porque têm experiência de fronteira. O exemplo de Israel, colonizando as zonas ocupadas dos territórios árabes, é uma lição. Não aprendem quem não quiser.